

Helder F. Raimundo ¹

Casimiro de Brito e o “Movimento Prisma”, em Loulé ²

Introdução

Conheci a poesia de Casimiro de Brito, em Portimão, pouco antes do 25 de Abril de 74. Na altura lembro-me de ouvir as declamações clandestinas de outro grande poeta, de Portimão e companheiro de Casimiro, Candeias Nunes. Na época falava-se da plêiade poética algarvia, dos anos 50 e 60, na qual pontificavam ainda, para além dos dois referidos, Gastão Cruz e Nuno Júdice, sob a influência do seu mentor poético António Ramos Rosa. Estes poetas organizavam-se em movimentos informais poético-artísticos, dando a conhecer as suas ideias e obras poéticas através de cadernos editados e vendidos pelos próprios, dos quais os mais importantes foram talvez os «Cadernos do Meio-Dia», editados em Faro.

Em Loulé, Casimiro de Brito, então com apenas 18 anos, já participava nestas tertúlias e criações poéticas e dá corpo ao chamado *Movimento Prisma*, fundando uma página literária no jornal local «A Voz de Loulé», nesse período sob a direcção de Jaime Guerreiro Rua. O primeiro número da página cultural de nome “Prisma de Cristal” surge em «A Voz de Loulé», nº 94, de 16 de Outubro de 1956. Em torno desta página, o poeta agregou à sua volta amigos e conhecidos e publicou conteúdos culturais de muitos jovens, mais tarde consagrados nomes das letras e das artes, como Ramos Rosa, Eduardo Olímpio, Afonso Cautela e Maria Rosa Colaço, entre outros.

O “Prisma de Cristal” edita 26 números, durante cerca de 28 meses, terminando a sua vida cultural nas páginas do jornal local, nº 175, de 15 de Fevereiro de 1959. Durante a sua edição Casimiro de Brito saiu de Loulé para estudar em Faro, seguindo mais tarde para Lisboa.

Foi nas páginas do “Prisma de Cristal” que Casimiro de Brito publicou os seus primeiros poemas de juventude, tendo escrito ainda sobre arte, cultura, poesia, cinema, filosofia. Foi nessas páginas que dissertou sobre os movimentos poéticos, que lançou o seu *Movimento Prisma*, que apontou o seu gume crítico ao conservadorismo cultural. Foi nelas que formou e treinou o seu espírito progressista, a sua veia crítica, a sua busca de liberdade.

Lembro de ter comprado, nos finais dos anos 70, dois livros do poeta: “*Negação da Morte*”, editado em 1974 pela Plátano, um livro de poesia em seis cantos em defesa da liberdade; e “*Um Certo País ao Sul*”, editado pela Seara Nova, em 1975, libelo contra a injustiça e a guerra, composto por crónicas escritas entre 1961 e 1974. Nestes anos de crise, volto a devorá-los, escutando as queixas do poeta.

Casimiro de Brito é um poeta compulsivo e a sua produção poética e narrativa é permanente, sem ceder a facilidades produtivas ou editoriais. Há poucos anos a Campo das Letras deu à estampa o seu conhecido “*Na Barca do Coração*” e, posteriormente, a Quasi Edições publicou “*Labyrinthus*”, depois de outros três livros do poeta, um dos quais em parceria com Ramos Rosa. Há anos que Casimiro anda escrevendo os

¹ Professor da Universidade do Algarve | hramund@ualg.pt

² Artigo inserto na revista *al- 'ulyà*, nº 11, 2006, pp. 243-255, Loulé, Arquivo Municipal de Loulé. A Biblioteca da Penha da UAlg possui uma separata com o texto, que inclui material iconográfico inédito.

fragmentos de “*O Livro das Quedas*”, segundo ele o seu último livro, mas entretanto trabalha ainda outro inédito, “*Animal Volátil*”. Entretanto a editora Roma dá-nos, na colecção “FACES DE VÉNUS”, uma obra do poeta em co-autoria com Annabela Rita, “*Labirinto Sensível*”.

Casimiro de Brito, poeta nascido em Loulé, ombreia – arrisco a afirmá-lo – com o grupo dos mais importantes poetas contemporâneos vivos, alfobre onde se encontram, entre outros, Herberto Helder e Ramos Rosa.

Este artigo tem por base contributos dispersos sobre o tema, publicados em jornais regionais a que foi dada a devida sistematização, com vista à sua publicação numa revista deste tipo. Queria, por agora, agradecer ao amigo José Batista (*Jobat*) a informação sobre a existência do “Prisma de Cristal”, numa altura em que, com ele e outros amigos, lancei a página “a cultura” em «A Voz de Loulé», a 1 de Abril de 2004.

1. O Prisma de Cristal e o *Movimento Prisma*

Em 16 de Outubro de 1956 surgia, no jornal local «A Voz de Loulé» nº 94, uma denominada “página cultural” intitulada “Prisma de Cristal”. Estava colocada na página 2, onde se manteve quase sempre e era organizada por Casimiro de Brito. Para além da mancha de textos, a página era ilustrada com pequenos linóleos da autoria de Manuel Cavaco Guerreiro. Casimiro Cavaco Correia de Brito tinha nascido em Loulé em 1938 e tinha na altura 18 anos.

Façamos, por ora, um percurso histórico pelos principais aspectos dos vários números do “Prisma”.

No primeiro número, na secção “Caderno de apontamentos”, o seu organizador agradece ao director do jornal da altura, Dr. Jaime Guerreiro Rua. Para além destas notas, a página inclui: uma antologia com o poema “Pátria” de João de Deus; uma quadra de Cavaco Correia [ver abaixo]; a colaboração de um leitor de Loulé, João Francisco Manjua Leal; um pórtico sobre o “Prisma”; e um apelo à colaboração e crítica dos leitores.

O segundo número [1 de Novembro de 1956] muda o desenho gráfico do cabeçalho, o qual passa a conter “página literária” no frontispício. A antologia é dedicada a José Régio, com o poema “Epigrama Elegíaco”; a secção “Diário de um jovem poeta” é assegurada por poemas e crónicas de Luís da Rocha; a página contém ainda um poema de Francisco de Sousa Inês e uma quadra de Cavaco Correia; completam o número um manifesto do *Movimento Prisma* e uma crítica de cinema, para além do apelo à colaboração.

O número 3 começa a dar visibilidade a Casimiro de Brito, até ao momento um pouco opaco, no pseudónimo ou nos textos não assinados. Dele surgem os primeiros poemas assinados, na secção “Diário de um jovem poeta”, para além de um texto sobre cineclubismo. A página integra ainda poemas de Vicente Campinas, José Guerreiro e Jaime Lúcio, entre outros.

A partir do número 4 a página alarga, progressivamente, a colaboração poética. Para além disso o seu conteúdo recheia-se de ensaios, contos, manifestos, entrevistas, divulgação poética. No número 5 [16 de Dezembro de 1956] a morada para correspondência desloca-se para Faro, para a Rua do Bocage, nº 140, nova morada de Casimiro (este nº já não existe na mesma rua). Entretanto Manjua Leal começa a deter um papel mais activo na página, redigindo manifestos e editoriais, enquanto Casimiro se

pode dedicar à leitura, à crítica literária e à tradução de que tanto gosta. No número 6 [primeiro dia de 1957] a página lança uma campanha de assinantes, com oferta de livros, cujos resultados não se virão a saber. O número 12 [28 de Abril de 1957] surge impresso na página 3. Nesse número de «A Voz de Loulé» o seu habitual lugar foi ocupado pelos Jogos Florais do Sporting Club Atlético, uma colectividade local. Este número contém um renovado apelo à crítica da “página”. No número 14 [2 de Junho de 1957] surge a primeira referência a edições impressas de poesia, nas quais figurava Casimiro de Brito. É o caso da divulgação dos Cadernos de Poesia “Encontro”, com poemas do próprio e de Eduardo Olímpio, poeta de Santiago do Cacém. O número 15 [16 de Junho de 1957] inicia um intercâmbio poético com poetas de Espanha, designadamente através da revista «Malvarrosa» de Valência. No número 22 [15 de Dezembro de 1957] a secção “Noticiário Prisma” dá notícia da publicação de “*Poemas da Solidão Imperfeita*”, de Casimiro de Brito e da preparação de mais duas obras suas: “*Raio de vida – contos algarvios*” e “*O punhal clandestino – poemas agrestes*”, obras das quais não se conhecem edições, pelo menos com estes títulos. A partir daqui a periodicidade do “Prisma” começa a expandir-se demasiado, decorrendo três meses até ao próximo número. O número 24 [3 de Agosto de 1958] apresenta já alguns elementos do declínio da “página”: o “Prisma” não ocupa, como habitualmente, toda a página 2; para além disso o grafismo muda, como a sinalizar algo.

Por esta altura Casimiro tem já outras preocupações, quer profissionais quer poéticas, para além da sua vida se implantar cada vez mais em Faro. Estava a nascer outro e muito importante movimento poético: a *Poesia 61*. O número seguinte, o 25 [5 de Outubro de 1958] volta a não ocupar toda a página 2. Nele, Casimiro de Brito, na secção “Primeira carta”, aborda o “reaparecimento do Prisma”. E nas notícias dá conta dos movimentos poéticos no Algarve e Alentejo da altura: as publicações «Caderno Zero», «Convívio» e «Cadernos do Meio-Dia». O último número [o 26º] sai a 15 de Fevereiro de 1959, em «A Voz de Loulé» nº 175. Volta a ocupar apenas parte da página 2.

O “Prisma de Cristal” publicou-se durante 26 números, de 16 de Outubro de 1956 até 15 de Fevereiro de 1959, tendo a página, desde o nº 2 (como vimos), passado a chamar-se “página literária”. Percebe-se porquê. A grande maioria dos seus conteúdos seria composta de poesia, poemas de jovens e de consagrados lado a lado, oriundos dos vários quadrantes poéticos do Algarve, do país, de Espanha, do Brasil, de África. Nas suas páginas publicaram 45 poetas (melhor 44, se considerarmos as quadras de Casimiro, assinadas com pseudónimo), muitos deles traduzidos do espanhol e do inglês, por Casimiro de Brito. De entre os nomes hoje mais conhecidos poderemos referir, para além do organizador da página, Ramos Rosa, Vicente Campinas, Emiliano da Costa, Afonso Cautela, Fernando Midões, Eduardo Olímpio, Maria Rosa Colaço e António Cabral. Repetiram poemas, para além do próprio Casimiro, Vicente Campinas, José Guerreiro, Costa Mendes, Orlando Neves, Carlos Alberto Jordão, Lita Fernandes Ferreira, José Carlos Gonzalez, Eduardo Olímpio e Rui Mendes.

Com o poeta Eduardo Olímpio, natural de Santiago do Cacém, Casimiro de Brito criou e divulgou os Cadernos de Poesia «Encontro», vendidos pelo “Prisma” a 4 escudos cada. Na área da criação e divulgação poética o “Prisma de Cristal” dá conta das diversas iniciativas editoriais de Casimiro, designadamente do «Caderno Zero» (como redactor), do «Convívio» (como director) e dos mais célebres «Cadernos do Meio-Dia», dirigidos por António Ramos Rosa na altura em que Casimiro de Brito já habitava na Rua do Bocage, em Faro.

A partir de 1958 e sobretudo nos anos 60, Casimiro de Brito viria a dirigir, em Faro, a importante colecção de poesia organizada em «A Palavra», na qual publica “*Telegramas*”, em 1959, e “*Poemas Orientais*”, em 1963, números 2 e 5 da colecção, respectivamente. A edição tinha-se iniciado em 1958, com “O Grito Claro” de António Ramos Rosa e, para além dos dois poetas citados, a colecção publica ainda Fiama Hasse Pais Brandão, Luiza Neto Jorge e Candeias Nunes, alguns dos autores do que mais tarde virá a ser conhecido como *Poesia 61*. Segundo Lyster Franco (1982, p. 381) o poeta dirigiu também a colecção «Silex» na qual editou, no seu nº 1, a obra “*Sete Poemas Rebeldes e Carta a Pablo Picasso*”.

O “Prisma de Cristal” é, ainda, o suporte estético daquilo a que Casimiro chamou o *Movimento Prisma*, espaço de criação, fomento e organização de uma jovem poesia que nascia nos anos 50, fora dos movimentos conhecidos da poesia contemporânea. A sua importância, no Algarve, está ainda por apurar. A esse movimento Casimiro de Brito refere-se várias vezes no “Prisma de Cristal”, abordando temas fora da poesia, como a estética, a filosofia ou a cultura, exercendo crítica literária e recorrendo sobre muitos outros temas. No corpo de colaboradores do “Prisma”, informalmente organizados no *Movimento*, destaque para o poeta Gastão Cruz, natural de Faro, que publicou o seu primeiro texto na página, com apenas 16 anos. Trata-se de uma crítica literária ao livro “*Dispersão*” de Mário de Sá-Carneiro, inserta no “Prisma” nº 23 [16 de março de 1958].

Durante o período de publicação, o “Prisma” contou com um total de 18 colaboradores, de entre os quais saliento Ramos Rosa, Manjua Leal, José Guerreiro, Vicente Campinas, Maria Rosa Colaço, Afonso Cautela, Francisco de Sousa Inês, João de Leal, Eduardo Olímpio, Carlos Porto e o artista plástico Manuel Cavaco Guerreiro, autor dos linóleos publicados e do frontispício da página.

2. Os Poemas Publicados

Para além de organizador, Casimiro de Brito foi um participante compulsivo em várias áreas da cultura e da literatura. No campo da poesia, participou com 11 poemas em nove dos 26 números do “Prisma”. Os seus primeiros poemas publicados surgem no nº 3 [16 de Novembro de 1956], com o título “Diário dum jovem poeta” e assinados como Casimiro de Brito:

Fuga Suave

Um homem deitou-se no chão
De qualquer maneira,
E sentiu satisfação
Pela vez primeira...
As horas passaram,
O sono ficou.
Só os bichos notaram
Que esse homem acabou!...
Tinha adormecido sem sentir,
E a morte levou-o a sorrir...

Imaginação

Tenho-a no meu colo
a mulher que vai além
na rua...

Tenho-a no meu colo
apertada em meus braços
bela e nua...

19/10/56 [Faro]

Curioso é que o autor tenha publicado, nos dois números anteriores do “Prisma”[1 e 2], duas quadras de sua autoria mas assinadas com os seus dois nomes menos usados, Cavaco Correia:

Quadra

Ai, se os teus olhos falassem
Que belas coisas diriam
Quem sabe, talvez cantassem
Quem sabe se chorariam...

[3º prémio do Concurso de quadras populares, realizado no Bairro do Bom João, em 24/6/56, Faro. Publicada no “Prisma de Cristal”, nº1, de 16 de Outubro de 1956].

Uma Quadra

A vida são só dois dias...
(Lá diz o ditado antigo)
Pois a minha é só o tempo,
Que passo a brincar contigo...

[Menção Honrosa dos Jogos Florais de Albufeira. Publicada no “Prisma de Cristal”, nº2, de 1 de Novembro de 1956].

No número 5 do “Prisma” [16 de Dezembro de 1956] publica o poema “Saudação”, em homenagem ao também poeta Emiliano da Costa. No número seguinte, o 6º [1 de Janeiro de 1957], publica o poema “Andam moças pelo mundo sem amor”. No “Prisma” seguinte, o número 7 [20 de Janeiro de 1957], publica “O Poema da Guerra” dedicado ao artista Manuel Cavaco Guerreiro. O número 9 [3 de Março de 1957] integra dois poemas: “Sarsório Carnavalesco” e “A Sombra”, dedicado ao poeta Costa Mendes. No número 10 [17 de Março de 1957] temos o poema “Esta pergunta somente”, dedicado a Maria Rosa (pensamos que Casimiro se refere à amiga e colaboradora Maria Rosa Colaço). O número 12 [28 de Abril de 1957] traz o “Poema para suspender do nada que me envolve”, dedicado a Celina Ferreira. No número 17 [28 de Julho de 1957] publica “Sucessão e não derrota”.

O seu último poema publicado no “Prisma de Cristal” aparece no nº 20 [29 de Setembro de 1957], quando tinha 19 anos:

Irrealidade (para a Bia Rosa) *

Dia a dia me encontro
Menos meu menos livre
Dia a dia me procuro
Na ânsia de encontrar-me
Carne e verbo comungando
Vida e morte combatendo
Eu comigo a lutar

Dia a dia menos meu
Dia a dia menos livre
Procurando-me e fugindo
De mim, cheiinho de medo

Dia a dia me procuro
Dia a dia não me encontro
Dia a dia não sou eu
Dia a dia sendo meu

* Presumimos que se refere, de novo, a Maria Rosa Colaço.

A produção poética de Casimiro de Brito não se limita às páginas do “Prisma”. Publicou alguns poemas fora da página literária, de que é exemplo o poema “Desprendimento”, que surge na primeira página de «A Voz de Loulé», de 20 de Janeiro de 1957, na qual figura o “Prisma de Cristal” nº 7:

Desprendimento

Uma florzinha mimosa
bela
apareceu suavemente
naquela amendoeira...

...foi a primeira
florzinha mimosa
bela
deste ano...
...talvez por engano

Mas não
outras, muitas mais
a rodearam
com alegria
e sorriram
e cantaram
dando mais beleza ao dia...

No meio a princesa
florzinha mimosa
bela
murmurou baixinho:

- Nós somos as Brancas de Neve
e os homens são os anões
que nos vêm adorar...

E ainda mais baixinho
delicadamente,

Adoremo-los também
com a brancura da nossa beleza
e alegremos a primor
com a candura do nosso amor
a linda terra algarvia...

...e sorriu timidamente
para o sol e para a vida

num milagre de poesia...

Em artigo assinado pelo colaborador do “Prisma”, João de Leal, de Faro, ficamos também a saber que Casimiro de Brito publica o seu primeiro livro de poemas, em edição de autor, impresso na Tipografia Cácia. Na nota publicada em «A Voz de Loulé», de 19 de Janeiro de 1958, Leal refere o livro “*Poemas da Solidão Imperfeita*”, editado em Faro em 1958, que hoje figura como a primeira obra do autor. Na mesma nota, Leal anuncia novas publicações do autor: “*A sinfonia renovada*”, “*O punhal clandestino*”, “*Raio de vida*” e “*Diário*”. Como vimos antes, nenhum destes títulos vem a ver a luz do dia.

Cerca de 30 anos depois Casimiro viria a reeditar 24 poemas dos 36 do seu primeiro livro, sob a designação “*Solidão Imperfeita*”, na célebre compilação da sua poesia publicada entre 1955 e 1984, no livro “*Ode e Ceia*”, edição da D. Quixote, de 1985.

O que é curioso notar é que Casimiro de Brito não cedeu à tentação [eventualmente ingénua e simplista] de utilizar, no seu primeiro livro publicado, os poemas que havia editado no “Prisma de Cristal”. O que quer dizer que todos os poemas do autor insertos em «A Voz de Loulé» nunca foram publicados em livro, iniciativa que me parece justa e interessante levar a cabo pelo jornal, com a concordância do autor.

Devo referir que a experiência do “Prisma de Cristal” em «A Voz de Loulé» é completa e inexplicavelmente ignorada por Mário Lyster Franco na sua conhecida obra “*Algarviana*”, de 1982 [ver páginas 380-385]. Nesta obra Lyster Franco refere a colaboração “permanente ou eventual” de Casimiro de Brito nos semanários regionais «Jornal do Algarve», «Folha de Domingo» e «Correio do Sul», nos quais, segundo ele, Casimiro “talvez se tenha estreado”.

Depois da experiência do “Prisma de Cristal” aí temos, tantas vidas e tantas obras do escritor e poeta louletano Casimiro de Brito, um dos nossos maiores poetas contemporâneos.

3. O poeta do pleno e do vazio?

Em 18 de Novembro de 2005, numa conferência sobre Casimiro de Brito, no âmbito de *Faro, Capital Nacional da Cultura 2005*, Álvaro Manuel Machado, conferencista convidado, traçou um excelente perfil da obra poética e literária do poeta. A sua tese girou em torno da ideia central *de pleno e de vazio*, que considera serem as marcas filosóficas de Casimiro. Apeetece aproveitar esta contradição literária, para sublinhar a metáfora do contraste entre a vasta e qualitativa obra do poeta e o número de pessoas que o conhecem, na sua terra, ou serão seus eventuais leitores. Casimiro, sendo louletano, não é conhecido em Loulé. Ou melhor, é conhecido por uma minoria pouco significativa de gente ligada à cultura. Aliás, entre a terra e ele há ainda muita coisa por esclarecer. E, notoriamente, estamos perante um fenómeno de rejeição recíproca, muito mais por obra da terra do que pela obra do poeta. Digo eu. Sobre este assunto, aliás, já tive oportunidade de o referir e escrever bastas vezes. É o poeta que nos esclarece, quando, a certa altura num poema, refere:

(...)

e eu um louletano com milhões de sonhos
tão longe e tão perto na escala do tempo
Loulé minha terra natal
tão longe e tão perto de mim

como és grande e pequena Loulé assim.

Perceberá melhor o leitor se for procurar, os muitos livros editados de Casimiro, nas livrarias (ou na única livraria com esse nome) da cidade ou pesquisar o seu nome na Biblioteca Municipal Sophia de Melo Breyner Andresen, em Loulé.

Por ter sido desde sempre aceite e acolhido em Faro, o poeta assume um relacionamento mais directo e afectivo com a capital, onde os seus livros se encontram nas prateleiras de poesia da Biblioteca Municipal António Ramos Rosa, poeta farenses e seu companheiro de lides poéticas. O próprio Casimiro de Brito dirigiu colecções de poesia em Faro, nos anos 60 e, mais recentemente, nos anos 90, desta vez a convite da Câmara Municipal de Faro. No âmbito da promoção da biblioteca municipal António Ramos Rosa, passou a dirigir a «Colecção do Grito Claro», que se inicia exactamente com a publicação de “*O Grito Claro*” de Ramos Rosa, obra que 40 anos antes tinha iniciado a colecção de poesia «A Palavra» igualmente dirigida por Casimiro.

Mas a conferência de Loulé teve outro dado esperado. Álvaro M. Machado assentou o ponto de partida poética do autor no movimento da *Poesia 61*, em Faro (anos 60), em torno dos célebres «Cadernos do Meio-Dia». Percebe-se que se mantém, ainda, muito pouco conhecida, portanto, a experiência de Casimiro de Brito, em Loulé. Como vimos foi na sua terra natal que, em 1956, lançou a página literária “Prisma de Cristal” em «A Voz de Loulé», em torno da qual se juntaram Ramos Rosa, Gastão Cruz, Maria Rosa Colaço e muitos outros.

Neste mês de Outubro de 2006 passam 50 anos do aparecimento do “Prisma de Cristal”, página literária de «A Voz de Loulé», organizada pelo poeta louletano Casimiro de Brito. Tempo para encontrar formas de comemorar condignamente o evento. Casimiro de Brito merece-o. E Loulé tem essa dívida!

Referências:

- Brito, C. (1985). *Ode & Ceia. Poesia 1955-1984*. Lisboa: Dom Quixote.
- Franco, M. L. (1982). *Algarviana. Subsídios para uma bibliografia do Algarve e dos autores algarvios*. Volume I (A-B). Faro: Câmara Municipal de Faro.
- Prisma de Cristal (1956). *A Voz de Loulé*, nºs 94, 95, 96, 97 e 98.
- Prisma de Cristal (1957). *A Voz de Loulé*, nºs 99, 101, 104, 107, 109, 113, 115, 117, 120, 122, 125, 126, 129, 131, 135, 142 e 146.
- Prisma de Cristal (1958). *A Voz de Loulé*, nºs 153, 162 e 166.
- Prisma de Cristal (1959). *A Voz de Loulé*, nº 175.
- Raimundo, H. (2004, Abril, 1). Casimiro de Brito, um poeta abandonado. *A Voz de Loulé*, p. 14.
- Raimundo, H. (2004, Outubro, 15). O Movimento Prisma em Loulé. *A Voz de Loulé, a cultura*, pp. 15-16.
- Raimundo, H. (2005, Novembro, 24). Casimiro de Brito, poeta do pleno e do vazio? *Barlavento*, p. 38.